

Jazz

17 Abril '09

Ciclo 'Isto é Jazz?'

Comissário: Pedro Costa

Alípio C. Neto Quartet

The Perfume Comes Before the Flower

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Saxofones Alípio C. Neto
Trompete Herb Robertson
Contrabaixo Ken Filiano
Bateria Michael TA Thompson

Sex 17 de Abril
Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h15 · M12

Um pernambucano na acusticosfera

Alípio C. Neto é pernambucano, mas também alfacinha, com toda a terra e todo o mar que separam as duas condições. E a sua música é jazz, mas tem igualmente mais que se diga. Nela encontramos fortes referências ao pós-bop, mas também ao free, à improvisação livre, ao Brasil da canção popular de raiz, a Portugal e a muitas outras inspirações e influências. Senão vejamos: «Creio que a capacidade de improvisar, de tocar de forma personalíssima o instrumento e de compor faz daquilo que se chama jazz uma expressão musical interessante e, consequentemente, reforça a contribuição que o músico de jazz traz ao panorama sonoro da cultura musical. Este é o meu posicionamento. Acredito que é importante conhecer a tradição musical, assim como é importante romper com alguns cânones para que algum dia os nossos próprios também sirvam como referência para que se estabeleçam novas estéticas, novas formas de ruptura. Como disse Borges: *La meta es el olvido, Yo he llegado antes.*»

E o que há nos seus propósitos que possa servir quem chegue depois? «Procuro acrescentar ao jazz algo que sirva como ponto de partida e não de chegada e espero que a minha música seja um sistema cosmológico útil para quem deseja conhecer-me e saber sobre o que penso e como sinto a realidade de todas as coisas que considero relevantes. Pretendo estabelecer um Sistema de Artíficos Enormes, ou uma Poética de Artíficos Enormes, e como enorme

entenda-se anômalo, fora das normas. Para mim, a verdade da arte reside na sua capacidade de ser artificial, não-natural. Não creio no artista nato ou natural – o melhor artista é o soberano da artificialidade. O pós-bop vejo-o como um ponto no meio do caminho. Trago em mim também o pré-bop, o be-bop, o free-bop, o pop-bop, o arri-bop (de arriba) e, quem sabe, o abajo-bop, o antibop. Porém, o ponto de partida talvez seja o big-bang-bop (Big-Bang-Bop Band é um projecto orquestral que ainda realizarei), o som primordial, se é que existiu algum... O bop é uma coisa que pertence ao passado (tal como o free jazz), uma forma contrapontística extremamente rica e difícil de improvisar que se praticou no jazz e que se tornou currículo académico, referência, exercício, e acho uma pena que para alguns se tenha mesmo transformado em finalidade, razão de viver, meta...»

A música de Neto tem uma complexidade muito própria – é agradável à primeira audição, seja pela energia como pela sensualidade das formas, mas só a descobrimos realmente se formos além da superfície. «Chamo simplesmente de minha música à música que faço. É a parte que me cabe neste latifúndio sonoro. O que há de free é a improvisação aberta ou sobre estruturas harmónicas menos convencionais. Segundo o seu conceito dicionarizado, improvisar é fazer algo sem preparação prévia, procurar tocar o que não se sabe e não aquilo que foi estudado, os clichés, os patterns, os previsíveis II-V-Is. É claro que é preciso preparar a técnica para usar um instrumento musical como medium, é necessário estudar as formas

tradicionais e contemporâneas de harmonia, ritmo e composição, mas fundamental é a liberdade de fazer música de forma espontânea, criativa, livre, procurando sermos fiéis ao presente e a nós mesmos. Não tenho dúvidas de que trabalhamos sempre a partir da nossa própria cultura, da nossa experiência. Entendo a composição como um recurso formal para estabelecer a presença concreta de uma semiótica. Trata-se de matéria para análise e início de diálogo sonoro. Recorrendo à composição escrita, tento perturbar o silêncio, bem como a inteligência dos músicos-improvisadores que tocam comigo (o mesmo espero do público que escuta). O que se chama *be-bop* e *free jazz* são fórmulas históricas que tento actualizar através da minha própria linguagem. Stravinsky acreditava que a técnica é o homem por inteiro, e isso está bem vivo nesta música que insistimos em chamar jazz. Esse é, na minha opinião, o principal alicerce deste género artístico. A minha técnica sou eu por inteiro, inclusive quando durmo e sonho...»

Para este saxofonista, os parâmetros do tocar alargam-se para abranger o pensamento sobre o que se toca. Homem de letras, investigador, ensaísta, poeta, Alípio C. Neto encontrou na música a sua outra vocação, a esta tendo-se dedicado quase em exclusivo nos últimos anos, mas o mesmo espírito intelectual, analítico e lírico que aplica numa área está presente na outra. «A música (o jazz e tudo o que está para além dele) define a minha forma mentis, a que considero mais sublime e rica para o desperdício artístico. Espero que haja muito mais do que jazz na música que faço, pois tenho imenso pavor aos

limites que instauram as coisas estabelecidas. O Brasil e a sua diversidade estão em mim, procuro sempre reconhecê-los e expandi-los para além da minha subjectividade, da minha identidade cultural, pois na verdade, como tantos outros, creio na universalidade da música. Toco guitarra em casa e piano quando dou aulas, e sinto-me feliz e privilegiado por poder visitar constantemente o acervo harmónico-melódico-rítmico da música brasileira. Tenho a sorte de ter nascido em Pernambuco, provavelmente o estado mais rico do Brasil em manifestações populares (folguedos, culinária, etc.), e ainda mais sorte por ser do sertão, de Floresta, um lugar cheio de espaço, onde parece que o mundo não tem fim, não tem fronteiras, o que fortalece o meu espírito de exploração, vontade e coragem de descobrir.»

Mas, como gere ele estas simultaneidades de interesse? «Cada indivíduo vive na medida da sua experiência. Para além da vida mundana, aquela que chamo de colectiva, existe outra, a individual (sendo a fronteira muito ténue entre elas), e esta eu tenho realizado a ler, a estudar, a praticar o meu instrumento, ou seja, colaborando na medida do possível com a dimensão social da minha experiência, na superação do egocentrismo narcísico do artista e suas consequências. Todo o homem honesto deve ter como possibilidade a auto-superação moral, estética, técnica, etc. Pretendo vencer-me a mim mesmo e seria de grande utilidade se o fizesse na medida em que determino e componho o meu *corpus* artístico. Pretendo retomar os meus projectos literários *stricto sensu* (poesia, romance, tradução, ensaios), sem abandonar a melografia. Acho triste

e desencorajador saber que existe gente que impõe limites à própria curiosidade, que não se envergonha da preguiça e foge do risco. Creio que é nessa medida que não posso renunciar ao transporte destas perspectivas para o universo da música. Há um poema de Mário de Andrade que diz: *Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cincoenta. / Mas um dia afinal eu toparei comigo...»*

Entre os múltiplos projectos que a alma inquieta de Neto se propõe realizar está o quarteto que ora se apresenta com três músicos provenientes de Nova Iorque, Herb Robertson, Ken Filiano e Michael Thompson. Com eles editou já um CD, *The Perfume Comes Before the Flower* (Clean Feed, 2007), que tem o impacto de um manifesto poético e é um dos poucos *concept albums* que já foram feitos com a improvisação como estratégia: «Quando tocámos juntos pela primeira vez, numa *jam session*, senti que havia uma forte capacidade de comunicação entre nós, que estes eram os músicos com quem poderia partilhar a minha visão-audição do mundo. Herb é o ar, Ken é a água, Michael é a terra e eu sou o fogo. Todos os elementos contribuem de forma essencial para a sua totalidade. O disco é um poema sonoro sobre a percepção da realidade e a sua razão de existir. É um poema sobre o interior e o exterior da vida, sobre a simultaneidade desta relação e o modo como determinamos a nossa harmonia com o mundo e como somos determinados por ela. A dança da vida (Shiva Nataraja), as normas internas e externas que habitam a simplicidade e a complexidade de cada coisa, a sua dinâmica de criação, destruição e, novamente, construção (não reconstrução)... É esta a

busca realizada pelo grupo. Enfim, trata-se mais de uma forma de entender do que de explicar!»

Apesar da sua dimensão transnacional, foi com *The Perfume Comes Before the Flower* que Alípio C. Neto ocupou finalmente a posição em que o encontramos agora na cena portuguesa do dito jazz. As suas anteriores edições com os Wishful Thinking e o IMI Kollektief tinham-nos dado a indicação de que estávamos perante um músico muito especial, mas só então foi possível perceber ao que vinha e onde, efectivamente, se insere. «Insiro-me no meu lugar, com uma topologia e uma tipologia singulares que procuro dividir com outros músicos na devida proporção em que eles se sentem curiosos a meu respeito e eu me sinto em relação a eles. Este é um grande problema em Portugal, achar que não precisamos uns dos outros e sim daquilo que podem servir ao nosso ego esses outros. Se superarmos isso teremos uma comunidade artística mais sólida e em consequência mais profícua e mais honesta! Sou brasileiro, sou português, mas acima de tudo sou um habitante da acusticosfera.»

Para lá do NY Quartet, o que vem tomando o tempo de Alípio C. Neto? «Tenho tocado e gravado na Itália. Terei este ano dois CDs editados por lá, com dois quintetos. Um com Jean-Marc Charmier, Joakim Rolandson, Torbjörn Zetterberg e Paulo Bandeira; o outro com Angelo Olivieri, Ezio Peccheneda, Roberto Raciti e Federico Ughi, o Quinteto Harafê. A apresentação deste será em Setembro aqui em Portugal. Participarei, também em Itália, num duplo trio em tributo ao saxofonista Mario Schiano. Tenho alguns projectos

com músicos brasileiros como o genial compositor Armando Lôbo e deverei ir à Sérvia com o guitarrista e compositor Daniel Marques. Alguns discos que gravei deverão ser editados: dois trios, um com Carlos “Zíngaro” e Mark Sanders e o outro com Federico Ughi e Masa Kamaguchi. Um duo de saxofones com Thelmo Cristovam está para sair pela portuguesa Creative Sources. Gravei também em Roma um trio com o vibrafonista Francesco Lo Cascio e com Federico Ughi. Uma das minhas prioridades é o duo de electrónica e saxofones com Rachele Gigli, a ser registado ainda este ano. O projecto chama-se Tiempo de Silencio e baseia-se na obra do escritor espanhol Luis Martín-Santos. Os Wishful Thinking estão em fase de reelaboração e ouvir-se-á falar em breve do seu retorno. O IMI Kollektief recebeu uma excelente crítica (4 estrelas) no *The Penguin Guide to Jazz Recordings - 9th edition* (Richard Cook e Brian Morton) e creio que é outro *ensemble* a ser reanimado. A grande questão nestas últimas empreitadas é conciliar a egomaquia de músicos com tão fortes personalidades, pois são projectos em que todos contribuem como compositores.»

Rui Eduardo Paes

Crítico de música, ensaísta,
editor da revista *jazz.pt*

Alípio C. Neto

saxofones

Alípio C. Neto Nasceu em 1968 em Floresta, Sertão de Pernambuco, Brasil. Veio para Portugal a propósito de um doutoramento na Universidade de Évora sobre a poética literária e sua relação com a poética musical. Realizou investigação sobre a poética chinesa para o Instituto Cultural de Macau. No ano 2000 recebeu a Bolsa Virtuose do Governo brasileiro. A sua iniciação musical dá-se em casa com o próprio pai, passando depois para a Escola de Música de Brasília. Estuda no Brasil com Hermeto Pascoal, Roberto Sión, Carlos Eduardo Pimentel (Boogie), Dilson Florêncio, Guilherme Vaz e Ian Guest, entre outros. Tocou e gravou para diversos compositores, grupos e orquestras de música brasileira, africana e jazz, entre os quais Armando Lôbo (*Alegria do Homens*, Seven - Sony Music, 2002-03), Santa Boêmia, BRAPO (Brasília Popular Orquestra), Neco (*Ngoname mi Sinha*, VidiscoMoçambique), Gregg Moore, Trio Fulutchin, Mechanics, Raimund Engelhardt, Adam Lane, Ben Stapp, entre outros.

Lidera vários projectos como IMI Kollektief (*Snug As A Gun* - Clean FeedRecords), Wishful Thinking (*The Book of Complaints* - Clean Feed Records), Alípio C. Neto “KENOSIS” (Herb Robertson, Ken Filiano e Michael T.A.Thompson - Nova Iorque), Alípio C. Neto “VIOLET FURS” (Jean-Marc Charmier, Joakim Rolandson, Torbjörn Zetterberg e Paulo Bandeira - França/Suécia/Portugal/Brasil), Alípio C. Neto “DIGGIN’”, entre outros. Alípio acredita

que a música deve expressar para além da *cosa mentale*, a *cosa trascendente*, uma poética dinâmica do artificio humano. É professor de saxofone e jazz combo na St. Julian's School.

Herb Robertson

trompete

Herb Robertson é um inovador compositor e trompetista do Jazz mais *avant-garde*. Nasceu em 1951 em Nova Jersey. Formou-se na célebre Berklee College of Music e tocou nos Estados Unidos, Europa, Canadá e Japão ao lado de músicos como Paul Smoker, Tim Berne, Mark Helias, Bill Frisell, Joey Baron, Anthony Braxton, Barry Guy, Anthony Davis, Bobby Previte, David Sanborn, George Gruntz, John Zorn, Paul Motian, Evan Parker, Agustí Fernandez, Michael Moore, Gerry Hemingway, Satoko Fujii, Marc Ducret, Mark Feldman, Pierre Dorge, Roswell Rudd, Elliott Sharp, Rashied Ali, Ray Anderson e Dewey Redman. Seja qual for o contexto, Herb Robertson empresta o seu conhecimento da história do jazz, a sua voz original e o seu espírito aventureiro a cada sessão.

Ken Filiano

contrabaixo

Ken Filiano toca e grava em todo o mundo diferentes estilos musicais, do jazz à música improvisada, música clássica, tango e *world music*. Um dos contrabaixistas mais requisitados da *big*

apple, Ken Filiano prepara o lançamento do seu novo quarteto com Tony Malaby, Michael Attias e Michael TA Thompson. Tocou e gravou com músicos como Steve Adams, Connie Crothers, Giora Feidman, Vinny Golia, Jason Hwang, Dom Minasi, Andrea Wolper, Bobby Bradford, Roy Campbell, Nels Cline, Ted Dunbar, Dennis Gonzalez, Lou Grassi, Joseph Jarman, Sheila Jordan, Joe Labarbera, Joelle Leandre, Frank London, Warne Marsh, Butch Morris, Barre Phillips, Roswell Rudd, ROVA Saxophone Quartet e Paul Smoker.

Michael TA Thompson

bateria

Michael TA Thompson é um músico único, assim se explica o facto de tocar e gravar com músicos tão díspares como Joe McPhee, Oliver Lake, Kidd Jordan, Roy Campbell Jr., Dennis Gonzalez, Matthew Shipp, Uri Caine, Henry Grimes, John Patitucci, Marc Ribot, William Parker, com os lendários mestres do calypso Mighty Sparrow, e com o cantor *reggae* Owen Gray. Thompson deixa todas estas influências correr dentro de si numa abundância de cores sonoras, inspirado e inspirando.

Mulheres ao espelho Aldina Duarte



Fado Qua 22 Abril

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h30 · M12

Voz Aldina Duarte *Guitarra portuguesa* José Manuel Neto *Viola* Carlos Manuel Proença
Som Alfredo Almeida *Luzes* Paulo Mendes
Produção executiva Rita Bernardo

Aldina Duarte deixou-se ser gente muito antes de se permitir ser fadista – aprendendo, com todo o deleite e vagar do mundo, o que a vida lhe podia oferecer e, sobretudo, o que não oferecia e às vezes era preciso ir lá arrancar-lhe. Essa sua grande sabedoria – que é simultaneamente uma ingenuidade mágica e uma força natural que cativam logo quem a conhece – deu-lhe, entre outras coisas maiores que não cabem na página, uma capacidade (rara entre os artistas) de, sem nunca deixar de ser quem é, poder afinal ser diferente a cada novo encontro, projecto, espectáculo. Não admira, pois, que existam tantas mulheres no seu espelho... Mulheres que são as várias Aldinas que lhe estrebucham no peito e saem numa voz que nunca se põe em bicos de pés – porque nela é a forma que faz brilhar a substância (e pode haver maior incandescência?) –, mas também mulheres que ela foi tomando

como exemplo na vida e no fado, coisas que agora já se podem misturar sem atrito, porque ela também já não é ela sem o fado.

Mas, se nenhum dos seus discos anteriores se pode considerar gesto precipitado ou aventura precoce, a verdade é que *Mulheres ao Espelho* também não pode deixar de ser visto (ouvido) como o seu trabalho mais maduro, pois, sem o músculo da experiência, a atenção e a generosidade teriam um andar demasiado coxo para conseguirem chegar ao destino. E aqui não: o mergulho na tradição sai de cara lavada e moderna, feita a melhor homenagem. (...)

O disco regista uma única Aldina, e isso já é mais do que aquilo a que temos direito; mas coloque-se agora este espelho diante de nós, num palco, e deleitemo-nos: porque a Aldina, sendo única, há-de ser ao vivo sempre outra, de fado em fado, como num infindável jogo de espelhos.

Maria do Rosário Pedreira

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Direção Técnica

Eugénio Sena

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo

chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira

chefe

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Recepção

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção de Arte

da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Valter Manhoso

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
